



Aluno: _____

Escola: _____

Data: ____/____/____

Ano de Escolaridade: 9º

Disciplina: História

Semana 17: de 31 de maio a 02 de junho de 2021

Conteúdo(s) desenvolvido(s): Reflexão sobre os problemas de uma guerra.

Motive-se! Aprenda!

As **guerras** são conflitos armados que acontecem por diferentes motivos, como desentendimentos religiosos, interesses políticos e econômicos, disputas territoriais, rivalidades étnicas, entre outras razões. Na História, elas são estudadas por um ramo conhecido como História Militar, que se dedica não só a entender as grandes guerras, como também a estudar a noção dos exércitos.

Um dos grandes teóricos da guerra moderna foi o militar prussiano Carl von Clausewitz, responsável por estabelecer ideias como a da mobilização total de um Estado para a guerra. Eventos como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial são demonstrações perfeitas do estado de guerra total. Para evitar os excessos, foram estabelecidas as Convenções de Genebra.

Guerras na História

Até o século XIX, as guerras eram um dos maiores focos de estudo dos historiadores. A História, sob essa perspectiva tradicional, típica desse século, voltava-se ao estudo dos grandes acontecimentos, dos grandes feitos e dos grandes homens. Assim, os conflitos eram um celeiro cheio de acontecimentos e de importantes personalidades a serem explorados.

Essa visão tradicionalista perdeu força no século XX, e novos objetos e métodos começaram a ser utilizados para a pesquisa. Ainda assim, as guerras permaneceram como uma pauta importante, uma vez que são catalisadoras de mudanças significativas

Atualmente, o campo da História que se dedica ao estudo dos conflitos e dos assuntos relativos a questões militares é conhecido como **História Militar**. Essa área volta-se para as motivações que levaram ao início dos combates, assim como procura entender os principais acontecimentos no curso das guerras e quais as transformações causadas pelo término de um conflito.

A História Militar também estuda a evolução do campo militarista, seja na questão de estratégias de guerra, seja na evolução tecnológica dos armamentos e dos uniformes. Por fim, a forma como se enxerga a guerra e a formulação de grupamentos militares ao longo da história também são estudados por essa vertente.

Entendendo a guerra

A guerra sempre foi alvo de intensos estudos e, como tal, recebeu reflexões de diversas pessoas ao longo da história. Essa reflexão e análise não é uma realização do homem moderno, uma vez que um dos tratados mais conhecidos sobre a guerra é de um estrategista militar chinês chamado **Sun Tzu**.

Existe uma série de polêmicas sobre esse tratado, sobretudo sobre sua datação e se de fato contém somente escritos de Sun Tzu. De toda forma, o livro de Sun Tzu, conhecido como **A Arte da Guerra**, é entendido como o tratado mais antigo sobre esse assunto. Portanto, podemos perceber que o interesse do homem pela guerra é de longa data.

Sabemos também que bem antes de Sun Tzu ter escrito seu tratado (estima-se que foi escrito entre o século V a.C. e III a.C.), a guerra já era uma realidade na vida da humanidade. Arqueólogos estudam vestígios de que os homens pré-históricos já iam à guerra; e, na Antiguidade, dominar a guerra era fundamental para garantir a sobrevivência de um povo.

Sobre a importância da guerra na antiguidade para a sobrevivência de determinado povo ou império, Sun Tzu já sentenciava:

Sun Tzu entendia que a guerra deveria ser conduzida de forma a ser solucionada rapidamente, uma vez que uma guerra longa empobreceria o reino, seria penosa para os soldados, traria muitas mortes e prejudicaria

a honra daquele que estivesse à frente dos soldados. Uma característica muito importante da filosofia de guerra de Sun Tzu é sua crença de que até a vida dos inimigos deveria ser poupada, se fosse possível.

Essa visão da guerra, como algo a ser rapidamente finalizado e à procura de se evitar um grande número de mortos dos exércitos adversários, mudou radicalmente à medida que a guerra foi se modernizando. A guerra moderna, por sua vez, tem em grande parte formulação teórica nos escritos de Carl von Clausewitz, um militar prussiano que viveu nos séculos XVIII e XIX.

A Primeira Guerra Mundial incorporou as ideias de guerra de Clausewitz, sendo um conflito no qual não havia misericórdia com o adversário.

A guerra do ponto de vista moderno e que foi teorizada por Clausewitz é um fenômeno total, conforme análise do geógrafo Demétrio Magnoli^[2]. Nesse sentido, mobiliza todo o potencial militar e político do Estado, fazendo com que todos os recursos possíveis sejam utilizados para tal finalidade.

Na percepção de Clausewitz, as preocupações a respeito de se evitar o derramamento de sangue são uma fraqueza, pois ele afirma que “a guerra é uma atividade perigosa que os erros advindos da bondade são os piores”^[3]. Sendo assim, Clausewitz entende que, se um lado da guerra vai com a intenção de poupar vidas, já entra no conflito enfraquecido. A guerra para Clausewitz é, portanto, “um ato de força”. Na visão dele, “não existe qualquer limite lógico para o emprego desta força”.

Essa forma de enxergar a guerra levou a conflitos dramáticos ao longo da Idade Contemporânea, sobretudo no século XX. Os horrores que se cometeram nas guerras, principalmente nas duas guerras mundiais, levaram a humanidade a sancionar termos para impedir limites na ação humana durante os conflitos armados.

Estamos falando das Convenções de Genebra, acordos que foram realizados em convenções que se passaram nos anos de 1864, 1906, 1929 e 1949. A junção desses acordos foi revista e atualizada na Quarta Convenção, em 1949. Por meio da Convenção de Genebra, foram decididos termos para que prisioneiros de guerra, civis, enfermeiros, soldados feridos, entre outros, fossem protegidos e tratados dignamente.

As Convenções de Genebra são um importante pacto civilizatório, o qual demonstra que nem em estado de guerra é permitido que se realizem horrores, como o aprisionamento desumano de prisioneiros e a tortura. Atualmente 196 países ratificam as Convenções de Genebra, fazendo com que sua aplicação seja considerada universal. Aqueles que não cumprem as determinações estão sujeitos a julgamento na Corte Penal Internacional, localizada em Haia, nos Países Baixos.

Século XXI: a Era do Terror

Se, para alguns autores, o século XX teve início efetivo em 1914, em razão da Primeira Guerra Mundial; para outros, o século XXI começou, de fato, em 11 de setembro de 2001, com o ataque terrorista às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, e ao prédio do Pentágono (sede do Departamento de Defesa dos estadunidenses), em Washington (capital dos Estados Unidos).

Esses ataques foram planejados e executados pela rede terrorista islâmica, de atuação internacional, Al-Qaeda, que, à época, era comandada pelo saudita Osama Bin Laden. Esse acontecimento revelou não apenas uma nova forma de ataque terrorista, maior e bem coordenado, como também uma nova concepção de guerra.

Medidas contra o Terror

O fato é que, após os ataques de 11 de setembro, a primeira medida decididamente bélica dos EUA foi procurar e atacar os centros de treinamento da Al-Qaeda. Na época, a Al-Qaeda estava sediada no Afeganistão e recebia apoio do Talibã, um grupo fundamentalista islâmico atuante no Paquistão e no Afeganistão.

A procura por Bin Laden e outros membros da Al-Qaeda desencadeou a Guerra do Afeganistão, em 2002, cujo momento mais expressivo foi a Batalha de Tora Bora. Essas ações de retaliação aos ataques de 11 de setembro de 2001 configuraram o que o governo do presidente dos EUA, George W. Bush, chamou de Guerra ao Terror.

A “Guerra ao Terror” foi o modelo de guerra que mais ficou em evidência na primeira década do século XXI. Isso aconteceu, especialmente, em razão da Guerra do Iraque (ou como nomeiam alguns autores, “Segunda Guerra do Golfo”), que teve início em 2003 e só cessou em 2011. A Guerra do Iraque constituiu uma extensão da política da “Guerra ao Terror” dos Estados Unidos, só que com ênfase em regimes autoritários islâmicos que representavam um perigo internacional por conterem armas de destruição em massa. Era o caso do Iraque, que possuía armas químicas que haviam sido utilizadas, nos anos 1980, para dizimar milhares de pessoas da etnia curda. A questão da posse desse tipo de arma foi a principal justificativa para a deflagração da guerra em solo iraquiano.

Efeitos colaterais das medidas contra o Terror

O grande problema enfrentado no território iraquiano pelas tropas americanas não foi exatamente a resistência das forças armadas ligadas a **Saddan Hussein**, mas as guerras internas entre **grupos jihadistas***, que



também estavam interessados na derrubada de Saddam e no controle do território iraquiano. Entre esses grupos, estava uma facção da **Al-Qaeda**. A administração do governo de **Barack Obama**, eleito após o fim do

mandato de Bush, decidiu por retirar as tropas americanas do Iraque e confiar o controle do país a um governo provisório. A retirada completa das tropas ocorreu em dezembro de 2011.

Nesse mesmo ano, muitos dos focos de insurreição contra o governo provisório começaram a ganhar mais força. Nos anos que se seguiram, o Iraque viu-se imerso em uma guerra civil generalizada, que dura até os nossos dias. Um dos grupos jihadistas que mais se aproveitaram dessa situação foi o **Estado Islâmico**, do qual falaremos mais adiante. Antes, precisamos falar um pouco da chamada “**Primavera Árabe**”, um acontecimento que mudou a situação do mundo islâmico e que pode ser o centro de inúmeras guerras futuras.

Importância da Primavera Árabe

A “**Primavera Árabe**” foi uma sucessão de levantes insurreccionais ocorridos em países do norte da África e do Oriente Médio nos anos de 2011 e 2012. Quando ocorreram os primeiros levantes em 2011, muitos jornalistas e especialistas no mundo islâmico diziam que a “Primavera Árabe” tinha como objetivo derrubar as ditaduras dos países em questão e estabelecer um regime democrático.

Acontece que, com o tempo, foi verificada a presença maciça da ideologia radical islâmica nos rebeldes, haja vista que boa parte deles é defensora da implementação da **Sharia**, a lei islâmica, e da **jihad**. Essa ideologia penetrou nesses grupos de rebeldes por meio da **Irmadade Muçulmana**, uma organização fundada na década de 1920, no Egito, que tem sido uma das maiores propagadoras das ideias matrizes do terrorismo islâmico.

Países como **Egito**, **Líbia** e **Tunísia** tiveram a sua estrutura política, econômica e social completamente transformada com a Primavera Árabe. O risco de guerras civis é iminente nesses países, que também podem sofrer com ações de grupos terroristas, como é o caso da Síria, um dos alvos da “Primavera Árabe”.

A **Síria**, comandada pelo ditador **Bashar Al-Assad**, enfrenta uma guerra civil desde 2011 contra vários focos jihadistas que procuram derrubar Assad. Ao contrário do caso iraquiano, citado acima, a Síria não sofreu interferência direta dos EUA, mas alguns dos grupos de rebeldes atuantes em seu território receberam armas, treinamento e dinheiro americano. O problema é que muitos desses rebeldes são mercenários e lutam para quem oferecer maior quantia. Um dos grupos terroristas mais poderosos da atualidade, o **Estado Islâmico**, é quem mais se beneficia disso.

Além de ser um grupo abertamente terrorista (o caso mais emblemático de terrorismo assumido pelo Estado Islâmico foi o dos atentados de 13 de novembro, em Paris) e jihadista, o Estado Islâmico tem uma proposta de, efetivamente, construir um Estado, isto é, uma nação islâmica jihadista com base na sharia.

ATIVIDADES

- Pesquise sobre o conflito entre Israel e Palestinos.
- Faça uma reflexão sobre o seguinte tema: Porque existe guerra?
- _ Faça uma lista de problemas que surgem depois de uma guerra.